



O trabalho interprofissional em saúde no enfrentamento à pandemia: perspectiva dos benefícios da dietoterapia para portadores da Doença de Parkinson

ANA CLARA LEDEZMA GREINER DE SOUZA¹; ALINE BARENHO PEREIRA²;
CAROLINA CORRÊA DE SOUZA³; DENISE PETRUCCI GIGANTE⁴.

¹ *Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Curso de Nutrição –
ledezmagreiner@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Curso de Nutrição –
barenhoaline@yahoo.com*

³ *Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Curso de Nutrição –
caroolsouza_@hotmail.com*

⁴ *Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Nutrição, Departamento de Nutrição –
denisepgigante@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O trabalho interprofissional em saúde no enfrentamento a pandemia de COVID-19 foi desenvolvido com o intuito de ajudar famílias no atual cenário em que se encontra a população, dando suporte e ouvindo suas demandas e necessidades. Os estudantes dos cursos da saúde: Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina Veterinária, Nutrição e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foram divididos em equipes - estudantes e coordenadores – e para cada uma delas, foi delimitado um grupo específico de participantes. O presente estudo foi realizado a partir do contato com os participantes que frequentavam a Unidade Cuidativa (UC) e que possuíam o diagnóstico de Doença de Parkinson (DP).

Apresentando como principal vocação o cuidado integral de pessoas que possuem doenças ameaçadoras à vida em diferentes trajetórias, desde o momento do diagnóstico até situação de terminalidade da vida, a UC é o Centro Regional de Cuidados Paliativos da UFPel. Com as atividades interrompidas desde o início da quarentena (Março de 2020), os estudantes entraram em contato via telefone com os participantes para verificar como estavam enfrentando a situação da pandemia, o estado atual de saúde autorrelatado e se tinham alguma solicitação que poderia ser sanada pela equipe. Em reuniões semanais, as equipes realizavam relatos de caso sobre cada contato, de forma a debater e averiguar a possibilidade de sanar as demandas.

A DP é a segunda doença neurodegenerativa com longa sobrevida mais prevalente no mundo, e afeta entre 7 e 10 milhões de pessoas (RIJK, 2000; AARSLAND, 2012). É caracterizada pela perda progressiva e irreversível de neurônios. Essa degeneração resulta na diminuição da produção de dopamina, neurotransmissor fundamental para o controle dos movimentos, provocando o aparecimento dos principais sinais e sintomas da doença (MEADE, 2019). Os portadores apresentam uma complexa variedade de sintomas motores e não motores, logo o cuidado deve integrar diferentes profissionais de saúde. Viu-se



que um tratamento multidisciplinar traz uma melhor qualidade de vida para estes pacientes (BLOEM, 2020).

Dentre os integrantes da equipe, o papel do profissional nutricionista se faz importante devido às complicações nutricionais que o paciente comumente apresenta. Entre elas, as interações entre nutrientes e medicamentos, falta de apetite, e complicações na deglutição e mastigação podem suceder e serem tratadas (PEREZ, 2017). A dietoterapia também pode fornecer nutrientes necessários para a saúde celular com influência em todo o corpo, incluindo a microbiota intestinal, os sistemas gastrointestinal, imunológico e nervoso. Assim, as intervenções dietéticas podem melhorar a qualidade de vida, prevenir ou minimizar a progressão da patologia (PEREZ, 2017).

A vista disso, o estudo tem como objetivo introduzir a relação entre nutrição e Parkinson mostrando os benefícios já conhecidos da área para tal enfermidade, de modo a possibilitar um melhor entendimento para experiências futuras. Também, evidencia a importância de projetos de extensão que possibilitam o contato entre alunos e a comunidade, uma vez que foi esse contato que provocou as estudantes de Nutrição, integrantes do projeto, a iniciarem a busca e revisão sobre o tema.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura para identificar orientações dietoterápicas específicas, que pudessem trazer maiores benefícios aos portadores de Parkinson. As bases de dados consultadas foram *Pubmed*, *Scielo* e *Google acadêmico* com delimitação de busca para os últimos 5 anos e estudos de revisão. Em relação aos descritores, foram utilizados termos em português e inglês conforme os Descritores em Ciências da Saúde (DECS). Nutrição e Parkinson e Dietoterapia e Parkinson. Todos os artigos foram selecionados previamente pela leitura do título e resumo para verificar se responderiam a pergunta desse trabalho sobre os benefícios da nutrição na DP. Posteriormente foi feita a leitura na íntegra em 32 artigos. Desses foram escolhidos três artigos de maior relevância para serem apresentados nesse trabalho que se trata de uma revisão narrativa sobre os artigos selecionados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os artigos lidos na íntegra observou-se que a maior parte dos estudos traziam os benefícios da dieta mediterrânea e a influência da microbiota intestinal na DP. Evidências crescentes sugerem que o processo patológico dessa morbidade pode ter origem no intestino, de forma que a alimentação pode minimizar os sintomas gastrointestinais, além de influenciar o risco de desenvolver a doença ou mesmo modificar o seu curso (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI, 2019). Além disso, a dieta ocidental tem sido apontada como influência negativa, tanto para o surgimento quanto para a progressão da patologia, devido ao consumo excessivo de alimentos de alta densidade calórica, ricos em ácido graxos saturados, açúcar refinado e baixo consumo de ácidos graxos ômega-3 (ω 3) e fibras dietéticas (JACKSON, 2019; CAMMISULI, 2020).

A importância do intestino na DP pode ser explicada pela ligação que os estudos trazem entre o eixo intestino - cérebro (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI,

2019). Mais especificamente, a microbiota intestinal ganha destaque por afastar micro-organismos prejudiciais, regular a imunidade e produzir substâncias como vitaminas, ácidos biliares secundários, especialmente, os ácidos graxos de cadeia curta (AGCC) (JACKSON, 2019). Esses últimos produzidos por carboidratos complexos advindos da dieta, são usados como fonte de alimento por esses micro-organismos que fortalecem a microbiota intestinal (JACKSON, 2019). Em contraste com essas bactérias benéficas, existem bactérias patogênicas que afetam o trato gastrointestinal (TGI), com disfunção da barreira intestinal, e inflamação na mucosa. Porém, essas bactérias patogênicas também podem causar disfunção na circulação sistêmica e no cérebro (JACKSON, 2019).

Sabe-se ainda que a DP possui como característica a disbiose da microbiota, de modo que apresenta uma elevada quantidade de bactérias pró-inflamatórias em contraste às bactérias benéficas (JACKSON, 2019). As bactérias intestinais, produtos bacterianos ou metabólitos bacterianos e hormônios intestinais podem influenciar a neuroinflamação e os processos neurodegenerativos (JACKSON, 2019). Evidências clínicas e experimentais sugerem que a neuroinflamação pode contribuir para perda progressiva de neurônios dopaminérgicos na DP (KALAMPOKINI, 2019). Dessa forma parece interessante uma dietoterapia rica em alimentos que tenham como fontes substâncias anti-inflamatórias e antioxidantes. (KALAMPOKINI, 2019).

Além dos sintomas motores, os pacientes com DP, apresentam sintomas não motores bastante comuns, entre eles a constipação, que pode impactar a composição da microbiota, desempenhando um papel crítico na patogênese da doença e, conseqüentemente, contribuindo para o seu desenvolvimento sintomático (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI, 2019). E também, o declínio cognitivo, para o qual uma nutrição adequada pode auxiliar, modulando os mecanismos inflamatórios associados a ele. A literatura mostra que o consumo de flavonóides está associado o menor declínio cognitivo, enquanto os ácidos graxos poli-insaturados (PUFAs) apresentam um potencial benéfico nos estágios iniciais onde esse comprometimento já existe (KALAMPOKINI, 2019).

Entre os estudos revisados, a dieta mediterrânea foi associada a um menor risco de desenvolver a DP e também indicada como benéfica para os indivíduos portadores da doença (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI, 2019; CAMMISULI, 2020). Essa dieta é caracterizada pelo alto consumo de vegetais e frutas frescas, nozes, sementes, peixes, azeite, ervas frescas e especiarias, alimentos ricos em vitaminas, polifenóis, fitoesteróis e carotenóides que fornecem uma mistura equilibrada de nutrientes com efeitos antioxidantes, anti-inflamatórios e prebióticos (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI, 2019; CAMMISULI, 2020). Viu-se também que as vitaminas B6, D e E estão associadas a um risco menor de DP assim como o menor consumo de carnes, aves e gorduras saturadas (KALAMPOKINI, 2019). Com base em evidências de estudos de intervenção, portadores de DP que receberam dieta mediterrânea melhoraram os domínios cognitivos das funções executivas, linguagem, atenção, concentração e memória (CAMMISULI, 2020). Assim, o consumo de fibras e a conseqüente produção de AGCC é um mecanismo pelo qual a dieta mediterrânea pode ter impacto positivo no desenvolvimento e progressão da DP, além da ingestão de ácidos graxos poli-insaturados (PUFAs) como protetores contra a neurodegeneração (JACKSON, 2019; KALAMPOKINI, 2019; CAMMISULI, 2020).

4. CONCLUSÕES

Como conclusão destaca-se a importância desse contato das estudantes com os portadores de DP que instigou essa revisão. Os três artigos que embasaram o presente estudo mostraram que, apesar da crescente investigação sobre os impactos da alimentação na DP, muito ainda precisa ser estudado. Até o momento não há comprovações científicas para sustentar e orientar um tipo específico de dietoterapia, bem como não existe diretriz ou guia alimentar para o grupo dos parkinsonianos. Dessa forma, ressalta-se a necessidade de estudos de intervenção, como ensaios clínicos randomizados para avaliar a dieta na prevenção e na progressão da DP em humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARSLAND, D., PAHLHAGEN, S., BALLARD, C. G., EHRT, U., SVENNINGSSON, P. Depression in Parkinson disease-epidemiology, mechanisms and management. **Nature Reviews Neurology**, v. 8, n. 1, p. 35-47, 2012.

BLOEM, B. R., HENDERSON, E. J., DORSEY, E. R., OKUN, M. S., OKUBADEJO, N., Chan, P., MUNNEKE, M.. Integrated and patient-centred management of Parkinson's disease: a network model for reshaping chronic neurological care. **The Lancet Neurology**, 2020.

CAMMISULI, D. M., BONINUCELLI, U., DANIELE, S., MARTINI, C., FUSI, J., FRANZONI, F. Aerobic Exercise and Healthy Nutrition as Neuroprotective Agents for Brain Health in Patients with Parkinson's Disease: A Critical Review of the Literature. **Antioxidants**, v. 9, n. 5, p. 380, 2020.

JACKSON, A., FORSYTH, C. B., VOIGT, R., ENGEN, P. A., RAMIREZ, V., SHAIKH, M., KESHAVARZIAN, A.. Diet in Parkinson's Disease: Critical Role for the Microbiome. **Frontiers in neurology**, v. 10, p. 1245, 2019.

KALAMPOKINI, S., BECKER, A., FASSBENDER, K., LYROS, E., UNGER, M. M. Nonpharmacological Modulation of Chronic Inflammation in Parkinson's Disease: Role of Diet Interventions. **Parkinson's Disease**, v. 2019, 2019.

MEADE, Richard M.; FAIRLIE, David P.; MASON, Jody M. Alpha-synuclein structure and Parkinson's disease—lessons and emerging principles. **Molecular neurodegeneration**, v. 14, n. 1, p. 1-14, 2019.

PEREZ - PARDO, P., KLIEST, T., DODIYA, H. B., BROERSEN, L. M., GARSEN, J., KESHAVARZIAN, A., KRANEVELD, A. D. The gut-brain axis in Parkinson's disease: Possibilities for food-based therapies. **European journal of pharmacology**, v. 817, p. 86-95, 2017.

RIJK, M. D., LAUNER, L. J., BERGER, K., BRETELER, M. M., DARTIQUES, J. F., BALDERESCHI, M. HOFMAN, A. Prevalence of Parkinson's disease in Europe: A collaborative study of population-based cohorts. Neurologic Diseases in the Elderly Research Group. **Neurology**, v. 54, n. 11 Suppl 5, p. S21-3, 2000.